

Centro de Memória Cooperalfa/Sicoob MaxiCrédito: reflexões sobre um projeto de memória institucional*

*Ademir Miguel Salini***

*Aline Maisa Lubenow****

*Elisandra Forneck*****

Resumo

O presente artigo objetiva descrever e analisar parte das atividades desenvolvidas no projeto de constituição do Centro de Memória da Cooperalfa e Sicoob MaxiCrédito, cooperativas que têm suas sedes localizadas em Chapecó-SC, num convênio firmado com o CEOM/Unochapecó. O objetivo principal do projeto é valorizar e preservar a história e a memória dos associados e funcionários dessas cooperativas. Os trabalhos realizados até o presente momento consistiram no mapeamento do acervo, análise do estado de conservação e higienização de grande parte dos documentos, além da divulgação para associados, funcionários e comunidade regional. Além disso, ter-se-á assegurada a memória institucional, configurada também como patrimônio histórico-cultural da região de abrangência das cooperativas.

Palavras-Chave: Cooperativismo. Patrimônio Documental. Memória Institucional.

“Cabe ao homem proteger com mais amor o patrimônio librário e documental, que é enfim, parcela apreciável de sua própria cultura. Sendo, inclusive, parte fundamental no processo de resgate a cidadania.” (SOARES, 1997, p. 37).

O Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina - CEOM, atualmente está vinculado à Diretoria de Extensão da Unochapecó. O Centro foi criado em 1986, e vem desenvolvendo atividades permanentes de organização, preservação e divulgação da história e pré-história regional. Dentre as atividades desenvolvidas, o CEOM tem assessorado instituições públicas e privadas, no intuito de salvaguardar seu patrimônio histórico. Neste sentido foi firmada a parceria com a Cooperalfa e Sicoob MaxiCrédito.

O projeto acontece na matriz da Cooperalfa e Sicoob MaxiCrédito em Chapecó-SC, e está previsto para ser desenvolvido em etapas, sendo que a primeira teve início em outubro de 2010, e a previsão de término é setembro de 2012. O trabalho vem sendo realizado em espaço físico dividido em duas salas: uma sala ampla destina-se para a recepção de visitantes e curadoria do acervo e a outra para a reserva técnica. Neste artigo faremos uma descrição e análise das atividades desenvolvidas entre outubro de 2010 até fevereiro de 2012.

Salvaguardar a memória das cooperativas é prova de compromisso social, não só institucional, mas também com a história regional, pois abrange relações políticas, comerciais e culturais em que essas cooperativas encontram-se inseridas.

O acervo do Centro de Memória é constituído por parte da documentação evocativa das atividades e dos sujeitos envolvidos na história da Cooperalfa/Sicoob MaxiCrédito e, por conseguinte, na história regional, história essa que acontece mais próxima ao indivíduo, ou seja, no município, na comunidade, no bairro, na família, na instituição “[...] a tendência dominante transferiu-se do global para o particular, do social para o individual, da macro-história para uma miríade de microelementos” (BEDARIDÁ, 1996, p. 224). Escrever e pensar a história, desta forma, possibilita mais entendimento daquilo que está diretamente ligado com o nosso passado, pois podemos estudar diferentes aspectos mais próximos

a nossa realidade.

Se pensarmos sobre a região e o local, não podemos deixar de analisar como estes se articulam com os processos globais. Marcon nos diz que por ser:

Proveniente da dialética essa categoria concebe a existência de uma inter-relação contraditória entre o todo e as partes, ou seja, entre o processo global e as regiões. As regiões não se constituem, em meras extensões do processo histórico global, mas produzem e criam, articulada e contraditoriamente com o global, formas peculiares de ser. Há um espaço de criatividade que não pode ser escamoteado pelas pesquisas. Somente através de investigações regionais é que estas peculiaridades podem emergir. (MARCON, 2003, p. 16).

Nesse sentido, a constituição do projeto do Centro de Memória dessas instituições evidencia também a necessidade de dar mais importância e visibilidade às memórias e experiências vividas, no sentido de pensar a história como uma trama de contradições, em que vivem diferentes grupos, com diferentes valores e interesses. A representação de memórias e experiências pode ser uma condição para compreender problemas historicamente constituídos. Daí o extremo cuidado para não idealizar os acontecimentos. Por isso, a importância de diferenciar história de memória, como se evidencia no trecho a seguir:

[...] memória é a vida, emerge de um grupo que ela une, é múltipla, coletiva, plural e individualizada, é efetiva e mágica, se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto; a materialização da memória está representada nos museus, arquivos, bibliotecas, centros de documentação e banco de dados; [...] História é uma representação do passado, é operação intelectual que demanda análise e discurso crítico, possui vocação universal, lida-se às continuidades temporais, estabelece relações, trabalha com o relativo, a materialização da História ocorre por meio da produção do conhecimento histórico. (LUPORINI, 2002, p. 332).

O acervo dessas instituições aborda a formação do cooperativismo

regional, a agricultura regional, imagens fotográficas que retratam o cotidiano de associados e funcionários, entre outros. Nesse sentido, o Centro de Memória pretende ser um espaço que não será: “[...] nem um tribunal nem um pódio de distribuição de prêmios” (BEDARIDÁ, 1996, p. 226). Portanto, o Centro de Memória pretende ser um local onde associados e funcionários, e a própria comunidade, possam se identificar como sujeitos dessa história e não um monumento personificado em homenagem a poucos. Como cita Chagas (2006, p. 33), “O compromisso, neste caso, não é tanto com o *ter* e preservar acervos, e sim com o *ser* espaço de relação e estímulo de novas produções, sem procurar esconder o ‘seu sinal de sangue’”.

Dentre uma variedade de fontes, as mais presentes são as matérias publicitárias, as fotografias e os jornais, que podem ser utilizadas em exposições físicas e virtuais, pesquisas históricas e/ou institucionais, na elaboração de material educativo ou como mecanismo de compreensão histórica. Nesse sentido, Grunberg descreve a historicidade dos objetos e sua importância:

Um objeto tem em si, não somente a presença da forma e dos materiais com o que foi construído. Ele guarda através disso todas as relações de produção da sociedade que o criou; [...] É necessário estudar esses objetos para que se tornem vivos e cumpram a função de transmitir a memória de sua época. (GRUNBERG, 2000, p. 65).

Com a criação de um espaço destinado a salvaguardar a memória das cooperativas, procuramos também sensibilizar as pessoas no sentido de desconstruir a ideia de “Centro de Memória” como um lugar de “coisas velhas e sem vida”. Perceber em cada objeto seus significados e simbolismos, entender que esse espaço não é um local de acúmulo de objetos velhos, ou um gabinete de curiosidades. Quando o passado é visto como encerrado, ele passa a ser olhado como melancólico e acaba se tornando apenas um “espetáculo”, digamos, ainda, que superficial. Os documentos¹, indiferente do suporte, devem ser percebidos:

Como resultado de trabalho humano [...] se constitui em fruto da satisfação de alguma necessidade historicamente determinada. As coisas mais banais do cotidiano, todas as coisas que o homem constrói, tudo que deriva do seu trabalho, são expressões da presença humana e, portanto, vestígios ou fontes documentais a serem consideradas. (LUPORINI, 2002, p. 326).

Evidenciar o Centro de Memória como lugar dinâmico, que tem uma real ligação entre o “espaço de experiências e o horizonte de expectativas” (KOSELLECK, 2006), pode nos auxiliar numa reflexão mais crítica sobre o presente; espaço esse que também deve estar “[...] a serviço do desenvolvimento social, na compreensão teórica e no exercício prático da memória como direito de cidadania e não como privilégio de grupos economicamente abastados” (CHAGAS, 2006, p. 33).

Na região oeste de Santa Catarina² o cooperativismo, além de ser uma forma de resistência diante da crise na agricultura a partir das décadas de 1950, 60 e 70, foi também incentivado pelo Estado para modernizar a agricultura. O empobrecimento dos agricultores devido a inúmeras safras mal sucedidas, a diminuição da produtividade das terras, o abandono da produção de alimentos para o consumo familiar e as políticas agrícolas governamentais estavam piorando cada vez mais a situação dos agricultores oestinos. Os produtores, a maioria migrantes oriundos do estado do Rio Grande do Sul, necessitavam buscar uma saída através da cooperação, mas havia a desconfiança devido às más experiências vivenciadas em cooperativas do mesmo estado. Com o apoio da gerência do Banco do Brasil, sobre as bases da falida Cooperativa Triticola Oeste Ltda. se fundamenta a criação da Cooperativa Agropastoril de Chapecó – Cooperchapecó (hoje Cooperalfa) - que na ata de sua fundação, no dia 29 de outubro de 1967, teve 37 assinaturas e hoje tem em seu quadro social mais de 15 mil famílias associadas. Já a criação de um banco de crédito cooperativo, Credialfa (hoje Sicoob MaxiCrédito) foi um ato de resistência dos agricultores diante dos altos juros cobrados pelos bancos e devido à escassez de financiamentos agrícolas. A fundação do Sicoob Maxicrédito foi em 16 de novembro de 1984 e teve sua ata

assinada por 169 cooperativistas, atualmente possui mais de 30 mil associados.

A trajetória dessas histórias, os registros das transformações nos modos de produção e de administração e a memória dos associados estão sendo reunidos no Centro de Memória, espaço esse onde os associados percebem sua caminhada interligada com a da cooperativa da qual fazem parte, e da região onde vivem. O espaço de memória precisa necessariamente fazer com que os associados e colaboradores se reconheçam nele e, conseqüentemente, valorizem este patrimônio, como expressa Ribeiro:

Patrimônio remete ao passado; porém ele não pode ser avaliado apenas à luz do que representou. É preciso reconhecer novos usos e perspectivas de interação com a sociedade que o define a partir de elementos que compõem sua identidade cultural.[...] Entretanto, o patrimônio só faz sentido quando é definido pelos grupos sociais que enxergam nele valores, porque expressa o modo de vida. (RIBEIRO, 2005, p. 112).

A Cooperalfa e o Sicoob MaxiCrédito, ao longo de suas trajetórias, foram produzindo e guardando documentos que registram suas atividades. Também reuniram prêmios, representados por troféus, placas, quadros, entre outros, documentos diversos que retratam suas histórias e o envolvimento na sociedade.

Antes do início das atividades do projeto citado anteriormente, havia uma sala onde parte deste acervo era exposto para associados, funcionários e visitantes. Ainda que com a intenção de valorizar a história dos associados e das cooperativas, estes materiais estavam dispostos de maneira inadequada (contato direto com luz solar, poeira, umidade, entre outros), acelerando, assim, a deterioração dos mesmos. Vale destacar que a forma que os materiais foram expostos combinava vários agentes nocivos. Algumas fotografias, por exemplo, estavam coladas em quadros com fitas adesivas e colas ácidas, além da presença de insetos.

Com o início do projeto, o acervo foi transferido para o novo espaço, onde estão sendo tratados pela equipe técnica do CEOM³. Além dos materiais anteriormente citados, existe vasto acervo de

vários setores que foram e/ou ainda serão levados para tratamento, por exemplo: imprensa, contabilidade, filiais e agências.

Figura 01 - Visualização do espaço e acervo no início das atividades em outubro de 2010



Fonte: Centro de Memória Alfa/Sicoob Maxicrédito.

A imagem anterior (Figura 1) dá uma ideia de como estava o acervo no início das atividades. Os objetos estavam misturados, empilhados e acondicionados inadequadamente. Em meio ao amontoado de objetos, estava uma caixa com mais de 4000 fotografias da Cooper São Miguel, incorporada pela Cooperalfa em 2000.

Como uma das primeiras atividades, optou-se por fazer uma separação por gênero documental, cada conjunto de materiais foi brevemente identificado e quantificado. Foi realizada uma numeração provisória e cada objeto/documento descrito em planilhas, que objetivavam identificar a quantidade, o suporte, o estado de conservação, datas e informações descritivas e/ou complementares que futuramente facilitarão o trabalho de organização e pesquisa do acervo. No caso das fotografias, além da quantificação, todas elas foram medidas, para posteriormente efetuar-se a compra das pastas de acondicionamento, confeccionadas sob medida.

No primeiro levantamento, obteve-se os seguintes números: mais de 10.000 fotografias, 126 troféus, 121 placas, 42 fitas K7, 33 objetos

tridimensionais e mais de 30 volumes de jornais encadernados. Com a constante doação de documentos das filiais e de setores administrativos das cooperativas, estes números continuam aumentando.

O levantamento possibilitou mais contato com os documentos, uma avaliação mais exata do seu estado de conservação, e direcionou o posterior trabalho de higienização e pesquisa. No caso do estado de conservação, muitos documentos foram encontrados em situação precária, com: mofo, insetos (como a traça), oxidação, ferrugem, pregos, acidez etc. Optou-se primeiro pela higienização dos troféus, placas de homenagem, quadros e fotografias. A importância desse processo é descrita por Cassares:

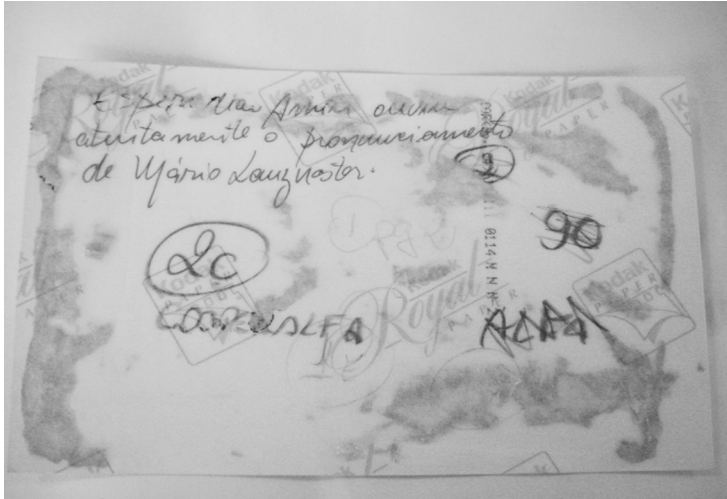
Os documentos que sofrem algum tipo de dano apresentam um processo de deterioração que progressivamente vai levá-lo a um estado de perda total. Para evitar este desfecho, interrompe-se o processo através de intervenções que levam a estabilização do documento. Estabilizar um documento é, portanto, interromper um processo que esteja deteriorando o suporte e/ou seus agregados, através de procedimentos mínimos de intervenção. Por exemplo: estabilizar por higienização significa que uma limpeza mecânica corrige o processo de deterioração. (CASSARES, 2000, p. 25).

Nesse contexto, salvaguardar um acervo fotográfico, além da importância institucional, possui relevância para o contexto histórico regional, do cooperativismo, da agricultura, entre outros. Neste sentido, Cabral Filho argumenta:

Diante das imagens fotográficas, determinadas experiências coletivas ou pessoais - que não se encontram em quaisquer outras modalidades de fontes - vieram à tona; o que nos permite pensar não apenas na ressignificação do passado, mas na sua ampliação através de informações inéditas sobre ele. [...] Nesse sentido, tais imagens ganham a condição de documentos e monumentos e isto nos impõe um conhecimento sobre o tempo em que estas imagens foram produzidas. (CABRAL FILHO, 2008, p. 49-54).

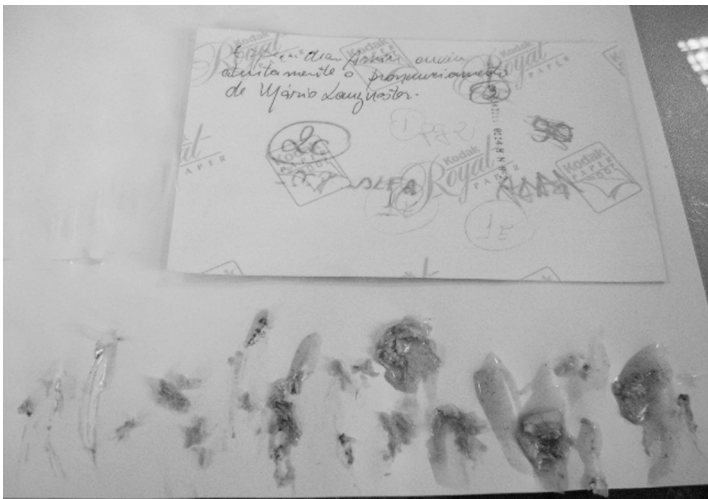
Na seqüência, imagens do processo de intervenção realizado em algumas fotografias do acervo do Centro de Memória.

Figura 02 - Foto retirada de álbum fotográfico criado pela Cooperalfa, evidencia-se a quantidade de cola e anotações com caneta esferográficas



Fonte: Centro de Memória Cooperalfa/Sicoob-Maxicrédito.

Figura 03 - Imagem de fotografia após passar por processo de retirada da cola. Numa etapa futura, será realizada a retirada da escrita



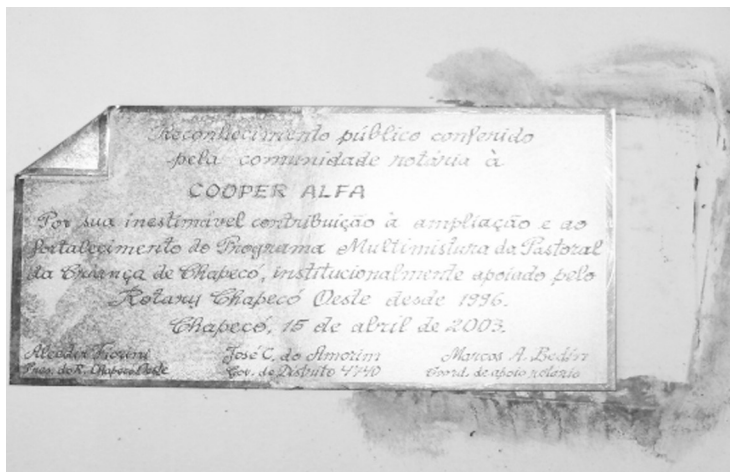
Fonte: Centro de Memória Cooperalfa/Sicoob-Maxicrédito.

As imagens não registram apenas o que a lente do fotógrafo captura, elas são carregadas de subjetividade, e sua interpretação sempre vai depender de como, quem e quando as olhar. Elas podem despertar alguma lembrança de felicidade, de dor, de identidade, de saudosismo ou simplesmente não provocar nenhum interesse, pelo simples fato de não fazer parte da história. Meneses⁴ nos diz que a fotografia parece ser por excelência um objeto de memória. Ela é continuidade e constatação de perda. A fotografia é um olho que registra a fim de esquecer, como um recurso de amnésia. Ainda para ele, o álbum de fotografias registra apenas o que convém estar presente no registro, ele concentra ajustes e conveniências, procura uma convenção de normalidade.

Após a higienização, todas as fotografias foram temporariamente armazenadas em caixas poliondas, onde, mais tarde, toda forma de escrita – principalmente no verso – será removida. Futuramente será elaborado um plano de classificação/quadro de arranjo⁵ e o armazenamento das imagens em pastas específicas, onde ficarão melhor protegidas. Cabe salientar que as etapas anteriormente descritas foram realizadas ao longo de semanas, devido à minuciosidade do processo. O trabalho foi conduzido de forma precisa e atenciosa para que o processo de higienização não afetasse a integridade das fotografias.

O acervo de placas, troféus e quadros é também significativo. No diagnóstico foi detectado que essas eram as peças do acervo que mais sofreram com a ação do tempo. Em sua maioria apresentavam altos índices de oxidação, e alguns estojos estavam danificados por insetos. A degradação era tamanha que comprometia a leitura das mensagens. Para reverter esse quadro e aumentar sua resistência aos agentes danosos, todas as placas passaram por um tratamento técnico, com aplicação de produtos específicos, visando a limpeza e a proteção das mesmas. Em alguns objetos, mesmo com todo processo de higienização, restaram manchas ocasionadas pela oxidação. No entanto, na maioria dos casos, obteve-se ótimos resultados, como demonstra a figura 04.

Figura 04 - Placa de metal, com parte a direita higienizada e a parte esquerda não



Fonte: Centro de Memória Cooperalfa/ Sicoob MaxiCrédito.

Tanto os troféus quanto as placas simbolizam eventos, homenagens e premiações dessas cooperativas. Além disso, observa-se a parceria que ocorre entre muitas instituições privadas e públicas com as cooperativas, demonstrando não apenas sua importância para o movimento econômico da região, mas também com o aspecto social. Nos primeiros anos da Cooperalfa, muitas vezes ela era o único estabelecimento comercial de algumas localidades, e na atualidade, muitos municípios têm na movimentação econômica da cooperativa um importante gerador de receita.

Além dos documentos já citados, existe uma expressiva quantidade de slides⁶ aproximadamente 2000 unidades, todos da Cooperalfa. As imagens dos slides retratam o cooperativismo, o cotidiano da cooperativa, o dia-a-dia na agricultura e momentos festivos da Alfa desde suas primeiras atividades até início dos anos 1990. Este acervo foi produzido em função de matérias de jornais, cursos com funcionários, treinamento com associados, assembleias, uso do comitê educativo, entre outros. Todas as imagens foram digitalizadas via scanner, e classificadas em temáticas, com a finalidade de identificá-las individualmente numa próxima etapa. Para realização deste trabalho,

associados e colaboradores irão auxiliar na identificação dos sujeitos e momentos da cooperativa. Como diz Cabral Filho:

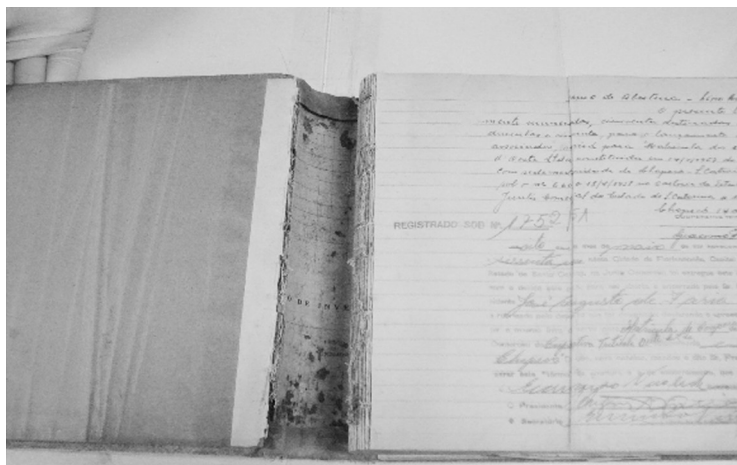
[...] as imagens, associadas à riqueza da tradição oral [...] oferecem ao historiador um arsenal de materiais de pesquisa mais amplo para que este possa melhor compreender e interpretar os acontecimentos acionados pelas imagens fotográficas e pelos depoimentos inspirados por essas imagens. (CABRAL FILHO, 2008, p. 49).

O conjunto de documentos textuais é representado pelas atas, cartilhas, revistas, fichas de associados, livros, projetos, relatórios e jornais encadernados, entre os jornais cabe destacar, “O Cooperalfa” e “Elo Cooperativo”, além das clipagens de notícias organizadas pelos setores de imprensa. Este material se constitui como uma das principais fontes de pesquisas, tanto interna quanto externa, principalmente no que se refere ao cooperativismo, atividades agropecuárias e industriais. Já são mais de 40 volumes de jornais encadernados, que foram higienizados e acondicionados, e também as clipagens de notícias entre 1996 até 2011.

Cabe destacar também um Livro de Matrícula da Cooperativa Tritícola Ltda.⁷ e o Livro de Registro de Compras dos Associados da Cooperxaxiense⁸. Estes livros estavam com suas estruturas seriamente comprometidas, devido à ação do tempo e do manuseio. Diante desse quadro, foi necessária uma intervenção de restauro, coordenada pelo museólogo e restaurador Idemar Ghizzo. Importante ressaltar que o livro de compras citado tem a relação de mercadorias (açúcar, café, sal, peças de vestuário, utensílios domésticos e agrícolas etc.) que os associados adquiriam na cooperativa e também a forma de pagamento, que normalmente era feita com a troca da produção (milho, feijão, soja etc). As relações entre cooperativa e associados e as mudanças no padrão de consumo das pessoas são possibilidades para se realizar uma pesquisa detalhada, que analise aspectos econômicos e sociais dos sujeitos envolvidos nesse contexto. Em relação ao livro de matrícula dos associados, questões relacionadas a gênero e analfabetismo ficam evidentes. As possibilidades de pesquisa aqui

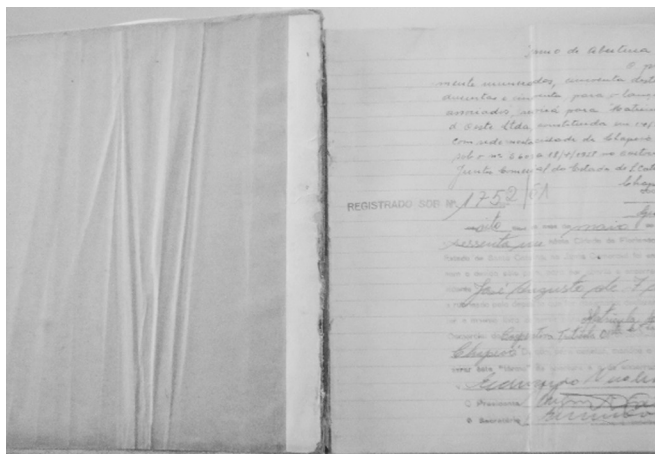
citadas são apenas alguns exemplos de como esses documentos podem ser abordados enquanto fontes históricas.

Figura 05 - Livro antes da restauração



Fonte: Centro de Memória Alfa/Sicoob MaxiCrédito.

Figura 06 - Livro já restaurado



Fonte: Centro de Memória Alfa/Sicoob MaxiCrédito.

A Cooperalfa e o Sicoob-MaxiCrédito possuem vários objetos tridimensionais, entre eles, máquinas de escrever, de contabilidade, entre outros. Esse acervo já foi relacionado, mas não passou pelos procedimentos técnicos de curadoria. Cada objeto desperta sentimentos e memórias, por isso, vão ser realizadas entrevistas com

colaboradores, com a finalidade de construir uma ponte entre passado e presente, passado este que se faz presente através da representação desses objetos. As pessoas que trabalharam com os mesmos:

[...] fizeram parte da história, seus testemunhos (os objetos) estão conosco hoje, porque não colocá-los para falar e contar-nos as histórias que eles sabem? A parte física, o testemunho que obrigou tudo isso se encontra aqui [...] utilizá-los para que conte mais um pouco para nós, para que nos dê ideia de como se vivia naquela época. (TESSITORE, 1998, p. 12).

A maior parte dos objetos que compõem o futuro Centro de Memória já estavam separados para tal fim, entretanto, com o decorrer das atividades do projeto, outros materiais históricos que estavam em diversos setores administrativos e filiais foram enviados ao espaço do projeto, enriquecendo o acervo. Cabe destacar também a doação realizada por Zelinda Bodanese, viúva de Aury Bodanese⁹. Entre os materiais pode-se citar jornais, troféus e revistas.

Além do trabalho técnico anteriormente descrito, também foi realizada uma apresentação do projeto para o público interno, com a finalidade de sensibilizar funcionários e associados sobre a importância de preservar objetos e documentos que representam a memória institucional. Além disso, pensar a ideia de preservar não apenas no sentido literal da palavra, mas como uma forma de auxiliar na construção de um sujeito crítico em relação a sua história. Como pontua Tessitore:

O espírito crítico é o fator principal contra a alienação, é ele quem garante a formação de um adulto participativo e consciente de seu momento histórico. Para isto temos que identificar-nos e sentir-nos parte da corrente histórica que vem do passado, não perder as nossas raízes para poder sentir-nos no presente, poder modificá-lo para transformá-lo num futuro digno para todos os homens. (TESSITORE, 1998, p. 13).

As apresentações ocorreram na sala destinada ao trabalho técnico e no auditório da Cooperalfa, dependendo do número de pessoas. Para os colaboradores que há mais tempo trabalham na cooperativa, foi

um momento de relembrar (e muitas vezes com emoção) uma história da qual fazem parte e, para os mais jovens, uma maneira de conhecer um pouco da trajetória da instituição na qual passam boa parte do seu dia e, quem sabe, irão trabalhar durante muitos anos de sua vida. Quem assistiu às apresentações no auditório foi convidado a visitar o espaço destinado ao Centro de Memória e conhecer um pouco mais das atividades desenvolvidas pela equipe do CEOM. Os funcionários, em pequenos grupos, conheceram o acervo e acompanharam mais de perto o trabalho técnico ao longo das semanas que se seguiram.

Diversos olhares em relação à relevância do projeto para a memória institucional e regional puderam ser percebidos. A partir dessas visitas, pôde-se constatar a fragilidade do conhecimento histórico institucional e regional que a maioria das pessoas têm em relação as duas instituições, percebida principalmente nos mais jovens, “Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem” (HOBSBAWN, 1995, p. 13).

O público que mais se identificou com o projeto foram as pessoas que trabalham na Cooperalfa e Sicoob Maxicrédito há muitos anos. Em cada objeto eles visualizavam sua própria história, seu cotidiano e alguns se emocionam com as lembranças. Nessas visitas tivemos a oportunidade de ouvir muitas histórias, o que nos ajudou a entender melhor a dinâmica de funcionamento da estrutura cooperativa e o contexto histórico que permeava a época em que esses documentos foram produzidos.

Figura 07 – Apresentação para funcionários do SuperAlfa no auditório



Fonte: Centro de Memória Alfa/Sicoob MaxiCrédito.

Figura 08 – Apresentação para o Conselho de Administração no espaço do projeto



Fonte: Centro de Memória Alfa/Sicoob MaxiCrédito.

Considerações

“[...] se vive entre a amnésia e a vontade de nada esquecer.” (HARTOG, 2006, p. 261).

Quando se trabalha com projetos que visam à preservação histórico cultural, sejam de instituições, grupos étnicos, comunidades etc. encontram-se muitas dificuldades, talvez a maior delas seja o que alguns autores como Hall¹⁰, Morin¹¹ e Giddens¹² chamam de “crise de identidade”, que deriva do fato de vivermos num mundo cada vez mais globalizado, e nos revela a crise espiritual, solidária e ética que atinge os indivíduos desse contexto “pós-moderno”. Para Berman (1986, p. 9), “Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo e que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”. Mesmo dentro deste “turbilhão”, nota-se que a preocupação e valorização da História de sujeitos, instituições e comunidades tem se acentuado nas últimas décadas, como uma forma de exaltar o passado, como destaca a autora:

A aceleração do tempo e a preocupação com a perda de sentido do passado e com o aumento da capacidade de esquecer têm levado as sociedades contemporâneas a

demonstrar grande interesse em recuperar a memória e também a história. (FERREIRA, 2002, p. 325).

Neste pouco mais de um ano de atividades, muito trabalho já foi realizado, no entanto, com a divulgação do projeto, outros documentos estão sendo doados para o Centro de Memória, o que acaba demonstrando que o trabalho realizado com este projeto tem sido avaliado de forma positiva.

Ainda existe uma grande quantidade de documentos que pode ser incorporada ao Centro de Memória, estes serão trabalhados em etapas futuras. Esse é o caso do acervo da Coopercanoinhas¹³, que já foi avaliado pela equipe do projeto, e pela sua relevância histórica, será integrado ao material já existente. Outro acervo bastante significativo, que será somado ao Centro de Memória, são os registros audiovisuais, que, na sua maioria, se encontram no setor de imprensa da Cooperalfa.

Outra ação do projeto que está sendo planejada entre CEOM e as cooperativas é a criação de um acervo de história oral, que objetiva registrar e valorizar a memória de fundadores, associados e funcionários. Esse material poderá tanto auxiliar produções institucionais quanto pesquisas acadêmicas.

Neste momento está sendo organizada uma exposição de longa duração, que será exibida na sala de trabalho, com a finalidade de expor alguns documentos e imagens que retratem a história das instituições.

Figura 09 – Atual espaço de trabalho



Fonte: Centro de Memória Alfa/Sicoob MaxiCrédito.

Figura 10 – Reserva Técnica



Fonte: Centro de Memória Alfa/Sicoob MaxiCrédito.

Atentando para a contextualização histórica em que esses documentos foram produzidos, devemos considerar esse acervo importante não apenas para a história e memória das instituições, mas também para enriquecer e incentivar pesquisas regionais em agricultura, cooperativismo, manifestações sociais e diversidade étnica/cultural. A história do oeste catarinense, repleta de conflitos sociais/culturais, e que muitas vezes ficou à margem da história, tem muito a ganhar com a disponibilização desse acervo para pesquisa.

A preservação do acervo histórico da Cooperalfa e do Sicoob-MaxiCrédito vem ao encontro da preocupação que se tem percebido nos últimos anos, por parte de instituições privadas, de cuidar do lado social e cultural. Nesse sentido, esse projeto privilegia a preservação da história, o fortalecimento da identidade cooperativa e a valorização da pesquisa e reflexão sobre a importância de conhecermos nossa história.

Agradecimentos

Agradecemos a Mirian Carbonera e Elisa Paim, pelos apontamentos e leitura crítica e ao professor Délcio Marquetti, pelas sugestões de leitura acerca da “crise da modernidade”.

Notas

* O Centro de Memória será constituído segundo a legislação vigente sobre museus. Lei 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.

** Documentalista no CEOM/Unochapecó Graduado em História pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Acadêmico do curso de especialização em História Regional pela Universidade Federal da Fronteira Sul. adesalini@unochapeco.edu.br.

*** Técnica em documentação. Graduada em História pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Acadêmica do curso de especialização em História Regional na Universidade Federal da Fronteira Sul. alinemaisa@unochapeco.edu.br.

**** Técnica em documentação. Graduada em História pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Especialista em História e Geografia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Acadêmica do curso de especialização em História Regional na Universidade Federal da Fronteira Sul. forneck@unochapeco.edu.br.

¹ Documento é toda a informação registrada em um suporte material, suscetível de ser utilizada para consulta, estudo, prova e pesquisa, pois comprova fatos, fenômenos, formas de vida e pensamentos do homem, numa determinada época ou lugar (TESSITORE, 1997, p. 7).

² A região em estudo passou a ser nominada Oeste catarinense a partir do Estado Novo. Anteriormente, nos mapas constava zona desconhecida, zona despovoada. Ora era o sertão nacional, contrapondo-se aos campos de Palmas, ora era sinônimo de área inóspita e limítrofe (com fronteira internacional em disputa). Até a década de 20, o interior catarinense era nominado região serrana (RENK, 2004, p. 2).

³ Equipe composta pelas historiadoras Aline Maisa Lubenow e Elisandra Forneck, que trabalham na curadoria do acervo; pelo documentalista Ademir Miguel Salini, que supervisiona as atividades e também pelo museólogo Idemar Ghizzo, que presta assessoria museológica.

⁴ Comunicação pessoal de Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, realizada durante o XXVI Simpósio Nacional de História, na mesa redonda: Imagem, memória, comemoração e história.

⁵ A construção do arranjo fotográfico terá como base o organograma e a funcionalidade das instituições, pois, “Para organizar os documentos de arquivo de carácter permanente, é necessário, primeiramente, estudar a história, a estrutura e o funcionamento da entidade, e a partir disso elaborar uma classificação para os documentos” (GONÇALVES, 1998, p.35).

⁶ É um negativo fotográfico (preto ou colorido) com suporte de plástico ou papelão. Sua imagem é projetada através de um projetor.

⁷ A Cooperativa Triticola D’Oeste Ltda. foi constituída em 14 de julho de 1957, por um grupo de produtores de trigo que queriam se fortalecer diante das políticas agrícolas nacionais. Mas não chegou a completar dez anos de atividades. Segundo atas da cooperativa, seu fracasso ocorreu devido à falta de políticas públicas de apoio às cooperativas e também pela falta de fidelidade e interesse dos cooperados. Sobre as cinzas da Triticola foi constituída a base da Cooperalfa (FORNECK, 2010).

⁸ A Cooperativa Mista Xaxiense Ltda. foi constituída no dia 15 de janeiro de 1950. No final da década de 1960 e início de 70, a cooperativa passava por intensa crise. Depois de uma análise da situação, realizada por membros do Banco do Brasil, foi realizada, em 27 de novembro de 1974, em Cordilheira Alta, articulada também por Elói Frazzon, a assembleia de incorporação da Cooperxaxiense a Cooperchapecó, e começa a partir daí uma das maiores mudanças em toda a estrutura da cooperativa. Ocorreu uma fusão, pois os dois nomes e CNPJ desaparecem e se cria um novo nome, Cooperativa Regional Alfa Ltda ou simplesmente Cooperalfa (FORNECK, 2010).

⁹ Aury Luiz Bodabese foi um dos fundadores da Cooperalfa e presidente de 1967 até 1996.

¹⁰ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

¹¹ MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo - I / Neurose**. Tradução Maura Ribeiro Sardinha. Forense Universitária, 2000.

¹² GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução P. Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

¹³ A Coopercanoinhas está em processo final de incorporação pela Cooperalfa e se localiza no

planalto norte catarinense.

Referências

BEDARIDÁ, François. Tempo presente presença da História. In. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro; FGV, 1996.

BERMAN, Marschall [1982]. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CABRAL FILHO, Severino. Da fotografia e da lembrança de velhos: a cidade revelada. In. **Saeculum**- Revista de História, ano 14, n. 18, João Pessoa, jan./jun.2008.

CASSARES, Norma Cianflone; MOI, Cláudia. **Como Fazer Preservação Preventiva em Arquivos e Bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000.

CHAGAS, Mario. Casas e portas da Memória e do patrimônio. **Em questão**, Porto Alegre, v.13, n. 2, p. 207- 224, jun./dez. 2007.

_____. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, Tempo Presente e História Oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, n.5, v.3, p. 314-332, jul./dez. 2002.

FORNECK, Elisandra. **Cooperalfa: memórias do cooperativismo (1967-1980)**. 2010. Monografia (Especialização em Ensino de História e Geografia: Fronteiras do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2010.

GONÇALVES, Janice. **Como classificar e ordenar documentos de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998. (Projeto como fazer; v. 2).

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial: Utilização dos bens culturais como recursos educacionais. In: **Cadernos do CEOM**,

Chapecó: Argos, n. 12, 2000.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e História. Como escrever a História da França. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n.7, p. 7-28, jul. 1997.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p.261-273, jul./dez. 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição a semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC - Rio, 2006.

LUPORINI, Teresa. Educação Patrimonial: projetos para a educação básica. In. **Ciências e Letras, Patrimônio e Educação**, Porto Alegre: Faculdade Porto - Alegrense de Educação, Ciência e Letras, n. 31, 2002.

MARCON, Telmo. **Memória, História e Cultura**. Chapecó: Argos, 2003.

TESSITORE, Viviane. **Implantação de Centros de Documentação noções básicas**. CEDIC- PUC/SP, 1998.

RENK, Arlene. **Identidade Comunitária**. Chapecó: Argos, 2004. (Separata).

RIBEIRO, Wagner. Patrimônio da Humanidade, cultura e lugar. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n.1, p. 111-124, 2005.

SOARES, Talita de Almeida Telemberg. **Manual de Conservação de acervos documentais e noções de restauração de documentos: suporte papel**/Talita de Almeida Telemberg Soares; colaboração Lêda Maria d'Avila da Silva Prazeres, Jeferson Antônio Martins. Florianópolis: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina/ Associação de Amigos do Arquivo Público/SC/ 1997.

Abstract

This article objective to describe and analyze part of the developed activities the Project of the constitution the Memory Centre and Cooperalfa Sicoob Maxicrédito, cooperatives, wich has headquarters located in Chapecó-SC, signed a covenant with CEOM/ UNOCHAPECO. The main goal of the project is cherish and preserve the history and the memory members of associates and employees of these cooperatives. The work accomplished so far consisted in mapping the collection, analysis of the state of conservation and sanitation, the most part of documents, furthermore it will be ensured the memory institutional, also configured as cultural historic of the region comprisement of the cooperatives.

Keywords: Cooperatives. Documentary Heritage. Memory Institutional.